

**XII Congresso Brasileiro  
de História Econômica**

**13<sup>a</sup> Conferência Internacional  
de História de Empresas**

---

**Niterói,  
28, 29 e 30 de agosto  
de 2017**

**Sobre o marxismo e a interpretação do Brasil de Octávio  
Brandão**

**Filipe Leite Pinheiro**

## **Sobre o marxismo e a interpretação do Brasil de Octávio Brandão**

Filipe Leite Pinheiro<sup>1</sup>

### **Resumo**

O presente artigo pretende contribuir para o resgate do marxismo e da interpretação do Brasil formulados por Octavio Brandão. Usualmente vítima de críticas simplificadoras sobre sua obra, o objetivo do texto é diferenciar o autor do “esquema consagrado”, empregado para caracterizar a interpretação que o Partido Comunista Brasileiro fazia da realidade brasileira tomando como referência as teses da III Internacional Comunista. Para isso, recorre-se a sua interpretação do Brasil e a formação teórica, previamente elaboradas em sua fase pré-marxista, com a finalidade de destacar sua análise da especificidade da realidade brasileira. Deste modo, defende-se que o autor difere do “esquema consagrado” tanto do ponto de vista de sua análise da formação social, quanto do ponto de vista de sua caracterização da revolução brasileira. Justamente porque apresenta uma imagem do Brasil em sua obra, captando as idiosincrasias do desenvolvimento histórico do país, é que Brandão se diferencia do “esquema consagrado”.

**Palavras-Chave:** Interpretações do Brasil, marxismo brasileiro, história do pensamento econômico brasileiro, formação social brasileira, revolução brasileira.

### **Abstract**

This article intends to contribute to the rescue of Marxism and the interpretation of Brazil formulated by Octavio Brandão. Usually a victim of simplifying critiques about his work, the purpose of the text is to differentiate the author from the "consecrated scheme", used to characterize the Brazilian Communist Party's interpretation of the Brazilian reality, taking as reference the theses of the III Communist International. For this, it is used its interpretation of Brazil and the theoretical formation, previously elaborated in its pre-Marxist phase, in order to highlight its analysis of the specificity of the Brazilian reality. In this way, it is argued that the author differs from the "consecrated scheme" both from the point of view of his analysis of social formation and from the point of view of his characterization of the Brazilian revolution. Precisely because it presents an image of Brazil in his work, capturing the idiosyncrasies of the country's historical development, Brandão differs from the "consecrated scheme"

**Keywords:** Interpretations of Brazil, Brazilian Marxism, History of Brazilian Economic Thought, Brazilian Social Formation, Brazilian Revolution.

---

<sup>1</sup>Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Economia (PPGE) da Faculdade de Economia da Universidade Federal Fluminense (FE/UFF). Pesquisador do Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas sobre Marx e o Marxismo (NIEP-Marx/UFF) e do Laboratório de Estudos Marxistas José Ricardo Tauile (LEMA-UFRJ).

## **Introdução**

Passados noventa de sua publicação e *Agrarismo e industrialismo: ensaio marxista-leninista sobre a revolta de São Paulo e a guerra de classes no Brasil –1924* ([1926] 2006), primeiro ensaio de interpretação marxista da realidade brasileira de que se tem notícia, ainda é uma obra virtualmente desconhecida entre os historiadores do pensamento econômico e social brasileiro. Da mesma forma, seu autor, Octavio Brandão (1896-1980), ainda é uma figura obscura para muitos daqueles estudiosos interessados no tema.

Em *Agrarismo e industrialismo* Octavio Brandão desempenha pioneiramente a tarefa de apreender teoricamente o desenvolvimento econômico-social brasileiro tomando como referência o marxismo, abrindo caminho para a formação de um marxismo nacional e um debate marxista autóctone. A acepção da palavra “tarefa” neste caso tem sentido militante, já que Brandão é para ela designado ao compor o núcleo dirigente do Partido Comunista Brasileiro (PCB), em 1922.

Intelectual orgânico da agremiação ao longo do seu primeiro ciclo político, Brandão contribui não só para iniciar entre os marxistas brasileiros um debate sobre a formação social brasileira e sua dinâmica, mas também, tomando como base tal caracterização, iniciou uma discussão sobre a estratégia socialista para o Brasil. Portanto, na condição de primeiro intérprete marxista do Brasil, nosso autor se apresenta também como o primeiro teórico da revolução brasileira. Com sua interpretação o autor fundamenta a linha política da organização de 1924 (Ricupero, 2011, p. 76) – quando o texto serve como referência para os debates do II Congresso do PCB (Moraes, 2006, p.12) – até o afastamento do grupo dirigente por ele composto, no final dos anos 1920.

O ponto de partida de *Agrarismo e industrialismo* é a conjuntura histórica do Brasil nos anos 1920, na qual tem lugar a desintegração tanto das bases políticas, anunciadas pelos levantes tenentistas e greves operárias, como das bases econômicas da Primeira República, consubstanciada na crise da econômica agrário-exportadora, o que levava à sensação geral de que o país viria a passar por um processo de câmbio social, por uma “revolução brasileira”. Diante deste quadro nosso intérprete procura compreender a formação econômico-social brasileira através de uma análise totalizante, centrada na busca do sentido histórico destes acontecimentos conjunturais.

Escrevendo sobre a história do Brasil, Brandão escreveu seu próprio presente como história (Coutinho, 2011a, p. 201), e procurando dele desdobrar um possível futuro por vir, o autor de *Agrarismo e industrialismo* fornece material para pensar a via de desenvolvimento percorrida pelo Brasil em uma época em que tais reflexões eram praticamente inexistentes. Este itinerário teórico, que articula passado, presente e futuro, encontra-se na base da reflexão de Brandão sobre a realidade brasileira, resultando no que Coutinho (2011b, p. 221) chama de imagem, ou interpretação, do Brasil. Neste pensamento destacam-se o sentido do desenvolvimento da formação social na história, suas potencialidades no presente, e suas possibilidades de devir.

Ao relacionar o presente com as tendências de desenvolvimento geral da sociedade brasileira, fica em evidência nesta imagem aquilo que Lukács (2011, p. 84, et seq.) chama de “indissolúvel unidade dialética” entre o “ser-precisamente-assim dos fenômenos histórico-sociais e as leis que os regem, formuláveis em termos universais”, traço marcante do marxismo. Seguindo este procedimento, ao tratar da conjuntura nacional, Brandão assume o presente, tal qual ele se apresenta, como ponto de partida da análise, colocando a partir dele a questão acerca da sua própria gênese. Consequentemente, aparecem com frequência nestas imagens do Brasil categorias que indicam o trânsito da formação social brasileira ao longo da história (Coutinho, 2011a, p. 201-202), o que coloca o centro da sua reflexão na temática da formação (Ricupero, 2011, p. 24-25).

Continuando, Lukács (2011, p. 84, et seq.) afirma que, “o conhecimento da legalidade particular deste ser-precisamente-assim é tão importante quanto o das determinações e legalidades universais”, e isto se coloca tanto do ponto de vista da teoria, quanto da prática, mas em particular quando se trata da última. O conhecimento do “ser-precisamente-assim” para a práxis é algo fundamental, na medida em que “que só pode se realizar precisamente no *hit et nunc* concreto de uma situação histórico-social”, e esta caracterização possui até mesmo “ineludível prioridade”.

A prioridade depositada no *hit et nunc* como ponto de partida da reflexão teórica é útil para pensar a importância da análise das legalidades históricas particulares à formação social brasileira e caracterização da revolução no Brasil presentes no pensamento de nosso intérprete. Contudo, este não parece ter sido o caminho tomado pela crítica, que aponta sistematicamente para o esquematismo de sua análise em um plano mais abstrato, e para superficialidade da sua dialética (Konder, 2009, p.183), ao mesmo tempo em que relega à segundo plano a análise da particularidade histórica.

Nos anos que sucedem à sua publicação *Agrarismo e industrialismo* exerceu forte influência “não somente entre os comunistas, mas também entre os positivistas de esquerda que o leram e discutiram” (Moraes, 2006, p. 13). Durante os anos 1920 o livro recebeu críticas como a do católico conservador Jackson de Figueiredo, preocupado com os possíveis desdobramentos práticos de uma análise teórica sobre a revolução, e dos trotskistas da Liga Comunista Brasileira (LCB), que discordaram dela em seu jornal, *A Luta de Classe* (Brandão, [1957] 2006, p. 192-3). Nas palavras de Aristides Lobo<sup>2</sup>, militante da LCB, apesar de ser “a tentativa mais séria, mais meticulosa e mesmo mais heroica” de tratar da situação brasileira desde uma perspectiva marxista, *Agrarismo e industrialismo* “foi também a mais antimarxista e mais desastrosa” (Lobo, [1931] 2014, p. 75).

Contudo, Brandão seria afastado da posição de intelectual oficial do PCB em 1928, após uma intervenção do recém-criado Secretariado Sul-americano (SSA) da III Internacional Comunista. Daí em diante o autor e sua obra seriam deliberadamente apagados da história oficial e da memória do PCB por seus “companheiros”. Por exemplo, em sua *História do PCB*, Astrojildo Pereira<sup>3</sup>, ao mencionar o II Congresso da organização, em que a referida versão preliminar de *Agrarismo e industrialismocirculou* como texto base para as teses, resume o argumento da obra de Brandão – diga-se de passagem: de maneira precisa – sem realizar qualquer menção ao autor ou à obra (Pereira, [1962] 2012, p. 92).

Nos anos seguintes ao seu afastamento Brandão se submeteria a severas e numerosas autocríticas (ao todo cinco), nas quais, de um modo geral, busca justificar os erros cometidos pela direção do PCB em seu primeiro ciclo político como originados desvios de seu ensaio de interpretação da realidade brasileira (Brandão [1957] 2006, p. 193). Mesmo tendo problemas que saltam aos olhos já na primeira leitura, e que representam um lugar comum nas menções críticas à obra, muitos destes problemas certamente foram exagerados pelas sucessivas autocríticas realizadas por Brandão e

---

<sup>2</sup> Aristides Lobo (1905-1968) foi professor, jornalista e militante do PCB de 1923 até 1930. Juntamente à Mario Pedrosa e Lívio Xavier, funda em 1930 o Grupo Comunista Lenin, abrindo a primeira fração na esquerda revolucionária brasileira. O autor contribuiu para a difusão do marxismo no Brasil com artigos e traduções, dentre elas *O Estado e a Revolução* de Lenin. Para dirimir qualquer eventual confusão, destaca-se que seu homônimo propagandista republicando é seu tio. Obviamente não nomeariam tantas ruas pelas capitais brasileiras a um comunista.

<sup>3</sup> Astrojildo Pereira (1890-1965) foi militante anarquista, político e crítico literário, além de fundador do Partido Comunista Brasileiro e integrante do primeiro grupo dirigente da organização, ao lado de Octavio Brandão e Paulo de Lacerda.

pelo próprio Astrojildo Pereira após seu afastamento em meados dos anos 1930. (Moraes, 2012, p. 26; 2006, p. 16).

Neste artigo pretendo contribuir para o resgate da contribuição de Brandão em seus diversos aspectos. Em primeiro lugar afirmando sua contribuição para a fundação de uma discussão marxista sobre a realidade brasileira e de uma tradição de pensamento marxista autóctone, ou seja, um marxismo nacional. Também do ponto de vista do pensamento social brasileiro a obra representa “uma ruptura com tudo aquilo que havia sido feito até então, como tentativa de interpretação da sociedade brasileira” (Silva, 1997, p. 44), campo à época composto em sua maioria por estudos baseados na raça e no meio físico-geográfico. Embora ecoem na análise de Brandão, como Konder (2009, p.185) faz questão de destacar, estes estudos “não compõem a tônica do trabalho” (Silva, 1997, p. 44), que certamente colocou a discussão sobre a realidade brasileira em um novo patamar.

Também pretendo contribuir para estabelecer uma distinção entre a interpretação de Brandão e aquilo que, Caio Prado Jr. ([1966] 2014, p. 39, et seq.) designou como “esquema consagrado de uma revolução democrático-burguesa”, resultado daquela teoria marxista importada da III Internacional Comunista pelo PCB sem qualquer mediação com a realidade brasileira. Deste modo, o “esquema consagrado” seria para o autor mera transposição mecânica de uma teoria da revolução que, supostamente, poderia ser aplicada de modo universal.

Mesmo se aproximando do paradigma marxista-leninista – em uma época em que o termo não era usual – nos momentos mais abstratos de sua análise, o autor se distancia de diversas “das teses a respeito da história latino-americana que começavam a ser esboçadas pela internacional” (Bianchi, 2012, p. 139). Isto porque, apesar de colocar a necessidade de uma revolução democrático-burguesa capitaneada pela pequena-burguesia e burguesia industrial, juntamente à classe trabalhadora, que quebrasse o domínio econômico e político da burguesia agrária de cariz feudal, afirmando seu caráter antifeudal e anti-imperialista – o que certamente se aproxima do “esquema consagrado” criticado por Caio Prado e de fato teve espaço no PCB após o VI Congresso da Internacional.

Apesar disso, não foi suficientemente destacada pela crítica o encadeamento presente na leitura do autor entre a revolução democrática pequeno-burguesa e a revolução socialista através da coincidência da revolução operária e agrária, articuladas em uma revolução permanente. Nesse sentido, a revolução democrática pequeno-

burguesa serviria apenas para quebrar os empecilhos mais imediatos à organização da classe trabalhadora, como uma antessala da revolução socialista (Bianchi, 2012, p. 140), algo que certamente faz Brandão avançar na caracterização da especificidade do conteúdo da revolução brasileira.

O autor também emprega o conceito de feudalismo com esta mesma intenção de captar a especificidade da constituição e do desenvolvimento do capitalismo brasileiro e suas implicações para os diversos aspectos da sociabilidade nacional. Para isso, contribui enormemente a interpretação da realidade brasileira formulada pelo autor nas obras da sua fase pré-marxista, que possuem forte caráter anti-imperialista e nacional popular. Quanto à base teórica a partir da qual Brandão assimila o marxismo, é preciso destacar sua compatibilidade com o paradigma marxista-leninista posteriormente perpetrado pela III Internacional.

Afasta-se também qualquer possibilidade de associar *Agrarismo e industrialismo* à intervenção direta de Moscou no PCB. Na realidade, os méritos da imagem do Brasil construída por Brandão e de sua caracterização da especificidade brasileira resultam exatamente de certa “negligência salutar” da Internacional para com PCB, o que permitiu a elaboração de uma reflexão sobre a realidade brasileira fundamentasse o aporte leninista na situação concreta da realidade brasileira, se diferenciando da posterior “teoria consagrada” que cria raízes no PCB ao longo das décadas que se seguem.

Para isso, em primeiro lugar, nas duas primeiras seções apresento um panorama da vida e da obra do autor em sua transição ao marxismo no qual se destacam dois pontos: i) a formulação de uma interpretação do Brasil anti-imperialista e nacional-popular ainda na sua fase pré-marxista, em *Canais e Lagoas* (1919) e em sua transição ao marxismo-leninismo em *Rússia Proletária* (1923); ii) a existência prévia de um arcabouço teórico metodológico evolucionista e monista que, por um lado possibilita a assimilação do marxismo-leninismo por Brandão, e por outro, limita a compreensão do autor da teoria social de Marx à vulgata positivista.

Feito isso, nas seções seguintes me concentro na contribuição para a caracterização do desenvolvimento econômico-social brasileiro presente em *Agrarismo e industrialismo*, destacando dois pontos da análise: i) a caracterização da formação social brasileira ii) a caracterização da revolução no Brasil. Neste segundo ponto, em especial, analiso também *O proletariado perante a revolução democrático-pequeno-*



*burguesa* ([1928] 1985), texto no qual o autor se detém exclusivamente na caracterização da revolução brasileira.

### **Um jovem anarquista entre Canais e Alagoas**

Octavio Brandão nasceu em Viçosa (AL) em 12 de setembro de 1896. Conhecida região canavieira ao centro de Alagoas, situava-se em suas proximidades o Quilombo dos Palmares, e sua paisagem e sua gente serviram de inspiração para romances de seu colega de classe no primário, Graciliano Ramos (Brandão, 1978, p. 58). É em Viçosa que Paulo Honório, protagonista de *São Bernardo* ([1934] 2013), adquire propriedade, após fazer fortuna como mascate sertão adentro. Homem livre, caboclo, tentando ascender socialmente, entra em choque com os poderes oligárquicos da Primeira República e acaba enlouquecendo vitimado por sua própria ambição. Assim como os demais que compõem a trama, os personagens de Graciliano Ramos encarnam trajetórias históricas possíveis para homens e mulheres da época, característica marcante do seu realismo<sup>4</sup>.

Personagem que tem sua trajetória confundida com as lutas políticas travadas pelos trabalhadores na Primeira República, Brandão é um tipo que poderia ser facilmente encontrado no universo de Graciliano Ramos. Nordeste do interior que por muitas vezes se comparou a figura do caboclo, Brandão tomou partido nas lutas de libertação nacional, como na luta pelo petróleo, e nas lutas travadas pelo movimento operário, sobretudo daquele de aspirações marxistas, ao longo da República Velha (Brandão, 1978, p. XXIII-XXIV).

Sua mãe faleceu quando tinha ainda quatro anos de idade, e ironicamente, a lembrança mais viva que possuía dela era seu enterro. Com a morte da mãe, Brandão viveria um período com o tio, em um casebre tipicamente caboclo, no engenho do Barro Branco. Com o segundo casamento do pai, retornou a Viçosa, estudando na Escola Primária Silva Jardim, onde travou o seu primeiro contato com o evolucionismo através de seu professor primário (idem, p. 59).

---

<sup>4</sup> Carlos Nelson Coutinho (2011c) obtém excelentes resultados aplicando o método marxista de crítica literária à obra de Graciliano Ramos. Em seus romances o autor apresenta uma imagem do Brasil na República Velha. Recomenda-se a leitura aos interessados em literatura brasileira e história do Brasil do período.



Com a morte do pai, ficou sob os cuidados da família materna, sendo submetido a uma rígida educação religiosa. Nestes anos estudou no Colégio Marista. A educação liberal e agnóstica dada pelo pai entrou em choque com o conservadorismo e religiosidade tacanha impostos pelos padres maristas. Em 1909 é matriculado pelo tio no Liceu Alagoano, onde, mesmo tendo maior liberdade em relação à prática religiosa, não consegue se adaptar adequadamente, ficando distante de seus colegas de classe. Estas experiências fizeram de Brandão um jovem recluso e propenso à leitura. Ao concluir o ginásio, vai para Recife em 1912 estudar Farmácia, custeado pelo tio, onde permaneceria por três anos, até 1914.

O clima intelectual de Recife ao longo de sua permanência foi decisivo para sua formação. A cidade possuía uma vida política e cultural agitada, e, passando por uma lufada de renovação intelectual de viés liberal nas primeiras décadas do século XX, originou um caldo cultural onde se amalgamavam positivismo, evolucionismo e monismo, que certamente serviu de alimento para reflexão de Brandão (Zaidan, 1985, p. 33). Consequentemente, nestes anos o autor assimila tal ecletismo ideológico, que ficaria arraigado em sua visão de mundo, sendo um traço marcante de sua formação. Aliás, é a partir deste ecletismo composto por fragmentos de ideologias diversas que o autor irá realizar sua transição para o marxismo-leninismo.

Seria em Recife que o autor teria seu primeiro contato com o materialismo filosófico através de *Force et Matière*<sup>5</sup> de Ludwig Buchner, escritor, médico e filósofo materialista alemão do século XIX, bastante influenciado pelas ideias de Darwin. Comprado por engano como um livro didático, Brandão relata a experiência da leitura em suas memórias: “Dei logo o primeiro passo libertador. Tornei-me partidário do materialismo filosófico – científico naturalista. Era o resultado de um lento processo que vinha desenvolvendo-se há tempos” (Brandão, 1978, p. 68).

O naturalismo monista herdado de Buchner levou-o ao interesse simultâneo pelas ciências naturais e pela realidade histórica, vistas como formas de existência qualitativamente semelhantes, articuladas em um longo ciclo evolutivo contínuo. Absorveu o positivismo e o evolucionismo em sua formação através da leitura de naturalistas e geógrafos, como Darwin, Haeckel e Humboldt. Fascinado pela natureza, nestes anos começou a fazer incursões pelas matas nos arredores de Recife para estudar botânica, mineralogia e geologia (Brandão, 1978, p. 71-73).

---

<sup>5</sup>De título original *Kraft und Stoff*(1854), o livro de Ludwig Buchner não possui edição em português.

Nestes anos em Recife, Brandão inicia estudos de história e geografia do Nordeste, escrevendo em 1914 o artigo *Aspectos Pernambucanos nos Fins do Século XVI*, publicado no jornal de Recife. Em suas memórias Brandão comenta o artigo:

Nesse estudo, procurei descrever as paisagens naturais e as condições históricas, econômicas e sociais de Pernambuco na época. Prenuncio do rumo que o autor seguiria, marcou o início de sua atividade propriamente literária e científica. Foi o começo da primeira etapa do desenvolvimento desta atividade que se prolongou até 1917 e se caracterizou por uma série de estudos de caráter nacional – sobre a História Natural, a Geografia, a Literatura e a História do Brasil. (Brandão, 1978, p. 75).

Tendo concluído sua formação, em 1915 regressa a Maceió e abre uma farmácia. Lá Brandão atendia gratuitamente trabalhadores rurais e urbanos, além de receber companheiros de militância anarcossindicalista. Fundou nesta época a Associação Libertadora da Terra e do Homem, uma agremiação anarquista que pregava a desapropriação dos latifúndios e uma reforma agrária que dividisse tais terras entre os trabalhadores. É interessante notar esta peculiaridade do movimento anarquista alagoano, que, formado em um meio social marcado por uma forma conservadora de modernização, aglutinou trabalhadores rurais, camponeses e pescadores, tendo Brandão desde cedo enfrentado a questão agrária em sua prática política. Mostra-se com isso que Brandão não só ensaiou sobre o agrarismo brasileiro, mas também conheceu sua realidade e enfrentou-o cara a cara na prática.

Nos anos seguintes iniciou sua atuação com a imprensa anarquista local, contribuindo com o jornal *Tribuna do Povo*, que circulou em Viçosa entre 1916 e 1917. O periódico era editado por Antônio Bernardo Canellas<sup>6</sup>, um jovem tipógrafo fluminense de apenas dezoito anos de idade intensamente envolvido com o movimento anarquista no estado do Rio de Janeiro. Canellas encontrou na figura de Brandão, um jovem de apenas vinte e um anos, um assíduo colaborador político para as polêmicas travadas nos jornais operários.

Em 1917 Brandão iniciou uma série de viagens pelas lagoas de Manguaba e do Mundaú e seus canais, para conhecer não só suas formações geológicas e sua botânica, mas também seu povo. Os registros desta viagem foram compilados em uma série de

---

<sup>6</sup>Antônio Bernardo Canellas (1898-1936) foi militante anarquista e fundador do PCB, sendo designado como secretário internacional da primeira Comissão Central Executiva do partido. Canellas é conhecido pela sua participação polêmica no III Congresso da III Internacional Comunista, no qual as divergências por ele provocadas postergaram a aceitação do PCB como membro da IC. Por conta deste episódio Canellas foi o primeiro membro expulso do PCB.

manuscritos intitulados *Canais e Lagoas* ([1919] 2001), redigidos entre 1917 e 1918, mas publicados como livro somente em 1919 após sua chegada ao Rio de Janeiro. Diante do desinteresse dos editores pela obra Brandão financiou a impressão com recursos próprios, cerca de 1 conto e 750 mil réis para uma pequena tiragem de 500 exemplares, contendo apenas o primeiro dos seus dois volumes. O livro teve alguma repercussão à época, recebendo críticas de Rui Barbosa, Tristão de Ataíde e Monteiro Lobato.

*Canais e Lagoas* marca a maturação da visão de mundo formada pelo autor em sua juventude, que tenta abarcar a partir de um mesmo referencial teórico-metodológico aspectos geológicos, mineralógicos, botânicos, antropológicos e sociais, dispostos em 12 ciclos evolucionários. O estilo do livro, segundo seu autor, pretende unir a ciência, a prática e a poesia.

Marcado pelo pensamento crítico que surgia na Primeira República, a principal referência de Brandão para tratar das questões sociais brasileiras nestes anos é Euclides da Cunha, que não se limita ao estilo, percebendo-se grandes similitudes pela estrutura da obra. Assim como Euclides, que inicia sua exposição em *Os sertões* ([1902] 2002) com a terra, o homem e a luta, Brandão pretende estudar a região, a gens e a história.

Apesar de não ser uma obra da fase marxista do autor, *Canais e Lagoas* ilustra muito bem as bases teóricas sobre as quais se estruturaria seu marxismo. Além disso, aponta mais uma vez para seu interesse pelas questões nacionais, nesta fase, ainda equacionadas em termos dos conceitos de povo e nação.

Como resultado desta viagem, Brandão realizou duas palestras em 1917 em Maceió, onde expunha os processos geológicos que haviam produzido as Lagoas do Mundaú e de Manguaba. O acúmulo de sedimentos nas lagoas e nos canais que fazem sua ligação com o mar o fizeram argumentar que a grande possibilidade de descoberta de petróleo comercializável no estado, um dos pontos que relaciona o estudo às questões nacionais candentes. É interessante perceber a posição nacionalista de Brandão:

Já é tempo de abrimos os olhos para as nossas riquezas e confiarmos antes nelas, do que nos clássicos empréstimos indecentes ou nas promessas falazes dos nossos *pretendidos irmãos latinos ou amigos britânicos, que afinal não passam de sanguessugas insaciáveis* (Brandão, [1919] 2001, p. 133; grifos meus).

Se colocando contra o imperialismo, iniciou uma coleção de inimizades entre os poderosos de Alagoas, incomodando de uma só vez as elites ligadas a petroleiras

estrangeiras interessadas em mediar a exploração do petróleo em solo nordestino, e a Igreja Católica, ao explicar a gênese das formas geológicas sem intermédio de deus. Quanto a isso, o autor de *Canais e Lagoas* é categórico, tratava-se de geologia, e, para ele, não havia espaço para deus na geologia.

Em outubro de 1917 começou a circular em Maceió outro periódico anarquista, intitulado *A Semana Social*, editado pelo mesmo Bernardo Canellas. As manchetes propagandeadas pelos jornais anarquistas da época destacavam a elevação da carestia de vida e a redução dos salários reais, resultado das sucessivas desvalorizações cambiais para sustentação da renda dos cafeicultores. Além disso, opunham-se à Primeira Guerra Mundial e à entrada do Brasil no conflito, segundo eles uma guerra imperialista entre as burguesias dos países centrais.

Quando em outubro de 1917 o Brasil entrou na guerra, *A Semana Social* publicou um artigo com a manchete “Abaixo a Guerra Imperialista”, de autoria de Brandão. As autoridades fecharam diversos jornais por todo o país, dentre os quais *A Semana Social* (Dulles, 1977, p. 62). A população favorável à entrada do Brasil na guerra, enfurecida, cercou a redação do jornal clamando pelo linchamento de Canellas e Brandão, acusados de crime de lesa pátria. Presos no interior da redação, o pior só não aconteceu porque uma moradora do prédio vizinho facilitou a fuga dos redatores pela saída dos fundos. Dali em diante Canellas iria para Recife e Brandão regressaria a Viçosa.

O aumento no preço dos alimentos foi acentuado pela entrada do Brasil na Primeira Guerra Mundial e levou a uma retomada da organização dos trabalhadores em sindicatos combativos. Os anos de 1917 a 1919 são considerados por Dulles (1977, Livro III) como o auge do movimento anarquista, ocorrendo não só um aumento quantitativo, mas também a radicalização dos levantes grevistas, concentrados no Distrito Federal, Guanabara e São Paulo. Brandão estabeleceu contato com lideranças importantes deste movimento no centro-sul, como Astrojildo Pereira, que então militava e colaborava com diversos periódicos da imprensa anarquista. O alagoano solicitou então que Astrojildo lhe enviasse leituras que não estavam disponíveis em seu livreiro local, como os anarquistas russos Bakunin e Kropotkin. Era o início de uma relação de colaboração intelectual que perduraria por cerca de trinta anos.

A derrota dos grevistas pela coerção policial e a deportação dos trabalhadores estrangeiros através da Lei Adolfo Gordo foram meios amplamente utilizados pelo Estado para responder aos levantes e desarticular os sindicatos (Pinheiro, 1991, Cap. 5).

A perseguição das lideranças fez com que José Oiticica, filho de um rico proprietário de terras, retornasse à Alagoas para se exilar. Brandão procurou Oiticica em sua propriedade para que prefaciasse *Canais e Lagoas*, tendo este aceitado prontamente o convite (Dulles, 1973, p. 35). Os dois iniciariam então uma combativa militância e um sério trabalho de organização dos trabalhadores rurais e pescadores, além dos trabalhadores das incipientes indústrias têxteis que se desenvolviam na região.

Em sintonia com os anarquistas de sua época, Brandão foi um admirador da Revolução Russa, fundando em 1919 o Grupamento Comunista Libertário de Alagoas. A Revolução Russa repercutiu muito no Brasil, mostrando aos trabalhadores que seria possível fazer uma revolução comunista em um país de capitalismo pouco desenvolvido e predominantemente agrário, similitudes entre a formação econômico-social russa e a brasileira. Além disso, estavam postas novas táticas organizativas para os trabalhadores e para os sindicatos, o que abriu uma discussão no movimento brasileiro, então derrotado e desorganizado pela repressão de Epitácio Pessoa. Por último, um aspecto que deve ser destacado é a já mencionada compatibilidade da leitura soviética de Marx, de viés positivista, com a síntese teórica eclética assimilada por Brandão e por outros anarquistas bolchevistas brasileiros.

Articulando trabalhadores rurais, pescadores e o operariado nascente, Brandão liderou o maior movimento grevista visto até então nas Alagoas. Os trabalhadores enfrentavam então jornadas de 14 a 18 horas de trabalho e viviam com baixos salários, que, diante da elevação da carestia resultante das desvalorizações cambiais, não cobriam sequer suas necessidades básicas. As demandas do movimento grevista eram a jornada de 8 horas, a elevação dos salários e a liberdade de organização sindical, já que então os trabalhadores encontravam-se presos a lideranças sindicais comprometidas com os interesses patronais.

Após este levante, as autoridades de Maceió passam a suspeitar de um “complô maximalista” na cidade, que estaria dirigindo o movimento grevista. Brandão é preso quando vai visitar Rosalvo Guedes, um companheiro anarquista, na cadeia. Permanecendo preso por dois meses, sua família valeu-se da influência que tinha entre a burguesia local para liberá-lo, e ao fazê-lo, o secretário do interior disse que não mais se responsabilizaria por sua vida a partir daquele momento. Estava jurado de morte por um sicário da oligarquia local de nome Horato Maurício, pistoleiro político que receberia o título de chefe de polícia caso o executasse. No entanto, Brandão preferiu atrasar a promoção do pistoleiro, e com o pretexto de fazer mais uma viagem pelos Canais e

Lagoas da região, partiu escondido para o Rio de Janeiro no dia 18 de Maio de 1919, a bordo do navio Itapura. Na bagagem levava o manuscrito de *Canais e Lagoas* para publicação (Moraes, 2014, p. 16-17).

### **Das Alagoas à Guanabara: em defesa da Rússia proletária**

Chegando ao Rio de Janeiro, Brandão participa da “primeira fundação” do PCB em junho de 1919, representando o Grupamento Comunista Libertário de Alagoas. Na capital federal estabelece relações com alagoanos e outros nordestinos, como os irmãos Mota Lima e a poeta Laura Fonseca e Silva, com quem se casaria em 1921. Também estreita seus laços com José Oiticica, que havia retornado alguns meses antes de Maceió para o Rio. Brandão assume então a linha de frente das lutas sindicais, escrevendo artigos, realizando conferências, panfletando nas portas de fábrica e proferindo discursos em comícios. Contribuiu com o jornal do organismo, nomeado *Spartacus* em homenagem a Liga Spartaquista, fundada por Rosa Luxemburgo e seu marido Karl Liebknecht, brutalmente assassinados em janeiro de 1919 pelos *Freikorps*.

Os fundadores do primeiro PCB eram em sua esmagadora maioria anarquistas que, embalados pelos ventos revolucionários vindos da Rússia, acreditavam ser possível conciliar o anarcossindicalismo e o bolchevismo na construção de uma alternativa ao capitalismo. Este desenvolvimento encontra-se em textos como *Princípios e fins* (1919) de José Oiticica e *O que é o marxismo bolchevismo* (1919) de Edgard Leuenroth e Hélio Negro.

Enquanto Oiticica apenas afirma certos princípios do comunismo, praticamente os mesmos do anarquismo, chamando atenção para as similitudes entre estes, Leuenroth e Negro propõem uma aliança comunista, algo diferente de um partido político. Além disso, apoiavam abertamente o regime soviético e não consideravam a estrutura centralizada, pressuposta pelo “slogan” da ditadura do proletariado, contraditório com os princípios horizontais e anti-estatais do anarquismo (Bianchi, 2012, p. 134). Mesmo não apresentando uma interpretação do desenvolvimento histórico brasileiro, estes textos apresentam uma primeira tentativa de abordar o problema da revolução no Brasil, trazendo em si uma proposta de construção de conselhos populares em todo o território como estratégia revolucionária. Constituíam-se assim uma República Comunista de conselhos por todo o território nacional. (Bandeira et al., 1980, p. 172).

A dissolução do grupamento comunista ocorre com a chegada de notícias sobre a repressão aos anarquistas por parte dos bolchevistas na Rússia, que, diante da necessidade de responder à contrarrevolução, rearticularam o exército vermelho à revelia dos primeiros, reprimindo-os. A partir daí abre-se o que Dulles (1977, Livro IV) chama “problema ideológico”, querendo com isso destacar que se abre uma disputa entre a fração anarquista e a fração anarquista-bolchevista do movimento operário brasileiro por sua hegemonia. Já nesta conjuntura, Brandão participou do Grupo Comunista Brasileiro Zumbi dos Palmares, fundado em 1920, época em que também colabora com o jornal *A Voz do Povo*, órgão feito para reanimar a, então desarticulada, Confederação Operária Brasileira (COB).

Esta atuação mostra que nos anos de 1920 e 1921 Brandão andou vacilante, oscilando entre ataques aos bolchevistas e a descrença em relação ao potencial transformador das agremiações anarquistas, hesitando em tomar posição quanto à questão ideológica então em aberto entre militantes anarquistas e comunistas. Procurava então compreender as razões para a derrocada do movimento de greves operárias, que estava em uma ascensão desde 1917. Em busca de explicações “procurou se informar sobre o marxismo. Mas as pessoas com que conversara não lhe puderam responder” (Dulles, 1977, p. 150).

Astrojildo Pereira mais uma vez cumpre um papel importante em sua formação, ao ser o sujeito capaz de responder às questões de Brandão a respeito do marxismo. Pereira forneceu-lhe traduções francesas de *O Manifesto Comunista*, além de textos de Lenin e Trotsky, a fim de responder seus questionamentos sobre o tema. Diante da inexistência de uma tradição marxista previamente consolidada com a qual dialogar, muitas seriam as dificuldades a serem superadas para a construção de uma interpretação marxista da realidade nacional.

Em setembro de 1921 Astrojildo receberia a visita de um suposto industrial de Manchester, que, na realidade, era um agente da III Internacional Comunista incumbido de organizar no Brasil um partido comunista nos moldes da organização (Idem, p. 138). Conhecido como “Cometa de Manchester”, o enviado da Rússia era Ramison, e na realidade vinha de Londres. Mais importante do que a anedota em si, o episódio serviu como um catalisador da formação do PCB, e ao mesmo tempo como seu mito de fundação (Pinheiro, 1991, p. 31; Zaidan, 1985, p. 54)

Isto não quer dizer que haja uma influência direta do Komintern, o que de fato só viria a acontecer após seu VI Congresso em 1928, mas que o acontecimento serviu



para dar forma a um processo que já estava em curso no interior do movimento operário de tradição anarquista. O PCB seria tardiamente reconhecido como partido membro da III Internacional, de modo que, sobretudo em sua primeira década, o partido crescer e se desenvolveu a margem da internacional (Zaidan, 1985, p. 73)

O Grupo Comunista do Rio foi fundado em 7 de novembro de 1921, veiculando um suplemento chamado *Movimento Comunista*, com o qual Brandão contribuiu a convite de Astrojildo. O PCB seria fundado em março de 1922, sem que, no entanto, Brandão estivesse entre os fundadores.

O levante dos 18 do Forte de Copacabana foi um acontecimento importante nesta conjuntura, influenciando indiretamente a supremacia dos bolchevistas sobre os anarquistas. Com a radicalização dos tenentes e o seu levante armado o governo de Arthur Bernardes declara estado de sítio, que perduraria por quatro anos. Pinheiro (1991, p. 87) mostra como este acontecimento serviu de prerrogativa para começar a perseguir com métodos policiais de repressão o operariado urbano, fechando sindicatos e órgãos da imprensa anarquista e comunista. Frente a tais adversidades, a organização centralizada favoreceu os comunistas nesta onda repressiva, preservando-os atuantes e com certa capacidade de ação mesmo na ilegalidade.

Tais circunstâncias históricas, somadas ao convencimento teórico conduzido por Pereira, fizeram com que Brandão se decidisse definitivamente pelo PCB, redigindo uma carta ao partido no dia 15 de novembro de 1922, na qual assumiu sua conversão ao bolchevismo e manifestava seu interesse de ingressar nas fileiras do partido.

No mesmo mês Brandão assinou um depoimento em que aceitava os 21 princípios da Internacional Comunista, um passo indispensável a seu ingresso no Partido Comunista. Astrojildo Pereira datou-o de 7 de novembro, no quinto aniversário da revolução bolchevista, e naquele dia anunciou aos operários que Brandão, ‘um homem que vale por 10’, havia ingressado no partido (Dulles, 1977, p 151).

Assim, no dia 7 de novembro de 1922 Octavio Brandão discursava em um comício sobre sua conversão ao comunismo, assumindo-a oficialmente.

Logo após sua entrada no partido, Brandão foi designado para a Comissão Central Executiva (CCE) ao lado de Astrojildo Pereira e Paulo de Lacerda, passo que seria decisivo para sua consolidação no núcleo dirigente do partido ao longo dos anos 1920 (Del Roio, 2004, p. 120). Estava decido a não ficar somente como mais um integrante da base do partido, aprofundando seus estudos de Marx, Engels e, em especial, Lenin. Designado para as tarefas de formulação teórica do partido (Konder,

2009, p. 181) começou elaborando uma defesa do movimento comunista internacional e da Revolução Russa.

Entre janeiro de 1922 e dezembro de 1923 Brandão ocupou a “seção operária” do jornal conservador *O Paiz*. Nesta coluna viria a fazer uma apaixonada defesa da Revolução Russa, exaltando-a como um dos feitos mais grandiosos da história da humanidade. Tais artigos seriam compilados em *Rússia Proletária* (1924), livro que conclui a passagem do autor no plano teórico e político de suas ideias libertárias para o marxismo-leninismo.

Na exposição evidenciam-se a influência dos dirigentes do processo revolucionário Russo, como Lenin e Trostky, e a leitura de um grande volume de documentos da III Internacional. Diante da inexistência de um campo marxista com o qual dialogar, Brandão trabalhou em sua tarefa teórica demiúrgica de fundar uma reflexão marxista no Brasil através de sua aplicação à compreensão das particularidades do caso nacional (Lacerda, 2015, p. 10).

Em relação a isto é preciso destacar dois pontos. Em primeiro lugar que, diante das dificuldades e lacunas decorrentes da inexistência de um debate marxista nacional, Brandão recorre a sua formação teórica prévia, preenchendo-as com o materialismo monista do período anterior. Em segundo lugar, é bom lembrar a possibilidade de assimilação do marxismo em termos positivistas, o que já havia ocorrido na II Internacional e se efetiva na consolidação do stalinismo no fim dos anos 1920. Esta é uma chave que também é compatível para a leitura do autor, que tem sua perspectiva teórica orientada pela confluência destes dois elementos.

Nesse sentido, ao mesmo tempo em que permanecem certos elementos da análise de *Canais e Lagoas*, como a divisão em ciclos evolutivos e a perspectiva monista e evolucionista da história, alguns elementos são superados com a assimilação de Brandão do marxismo. Nesse sentido, o livro contém um embrião do que viria a ser sua interpretação do Brasil em *Agrarismo e industrialismo*.

Divido em duas partes, a primeira tratando dos indígenas, que segundo o autor seriam elementos pré-históricos, e a segunda, mais extensa, que versa sobre os elementos históricos, subdivididos em seis ciclos evolutivos: Primitivo, Medieval, Medievo-moderno e Moderno, estando o sexto, a Revolução Comunista, ainda por fazer, mas previamente estabelecida. Com exceção do último, todos os ciclos possuem uma divisão entre classes exploradoras e classes exploradas, que de acordo com a perspectiva do autor, são contradições moventes da evolução histórica. São avanços a

introdução dos conceitos de classe social e imperialismo, que passam a dividir espaço com os conceitos de povo e nação (Lacerda, 2015, p. 12).

Na clandestinidade por conta de repressão do estado de sítio, Brandão acompanhava atentamente o movimento dos tenentes, enquanto realizava leituras de *O Estado e a Revolução* ([1917] 2010) e *Imperialismo, estágio superior do capitalismo* ([1916] 2010) de Lenin. Também foi responsável pela primeira tradução integral de *O Manifesto Comunista*, feita a partir da edição francesa dada por Astrojildo Pereira, publicada em 1924 no jornal *Voz Cosmopolita*. Também leu obras de Marx e Engels, como: *A Miséria da Filosofia*, *O Anti-Duhring*, *Ludwig Feurbach e o fim da filosofia alemã*, *As lutas de classe na França*, entre outras, além de contar com um resumo de *O Capital*. “Ao que tudo indica, nenhum outro marxista brasileiro, naquele momento, dispunha de uma bagagem de conhecimento comparável à de Brandão” (Konder, 2009, p.182).

Foi nesta situação que, no dia 28 de julho de 1924, sensibilizado pela retirada das tropas de Isidoro Dias Lopes de São Paulo, que teve início a redação de *Agrarismo e industrialismo*:

Na clandestinidade, Octavio Brandão, a 28 de julho de 1924, se encontrava na casa do jornalista Rodolfo Mota Lima, quando chegaram ao Rio as notícias de que as tropas de Isidoro tinham evacuado São Paulo. Rodolfo Mota Lima entra pela casa completamente desesperado pela notícia da derrota. Brandão acabara de ler uma tradução francesa de *Imperialismo, estágio superior do capitalismo*; sentado ao fundo da sala de jantar, começou a redigir um estudo a respeito da revolta de 1924, conforme a interpretação marxista (Dulles, 1977, p. 222).

Clandestino, morando nos fundos da sala de jantar de Rodolfo Mota Lima, sem posses e referências bibliográficas as quais consultar, Brandão iniciou, ali mesmo, a primeira interpretação marxista do Brasil.

### **Agrarismo e industrialismo: uma análise marxista da formação social brasileira**

Impactado pelo levante tenentista que desencadearia a Coluna Prestes, e pela situação política e econômica vivida no país, Brandão iniciou a redação daquilo que viria a se tornar o primeiro ensaio marxista de interpretação da realidade nacional. Isto já transparece nos primeiros parágrafos da obra: “Enquanto a batalha se prolonga pelo

interior, através de guerrilhas, procuraremos fazer a análise dessas lutas sob o ponto de vista do marxismo-leninismo” (Brandão [1926] 2006, p. 25).

Na condição de um ensaio marxista de interpretação da realidade brasileira, para além da análise desta última, o livro traz uma explícita convocatória à ação política da classe trabalhadora, que deveria tomar em suas mãos a tarefa de atuar enquanto força política nos acontecimentos que em breve sucederiam nesta turbulenta conjuntura. Bianchi (2012, p. 139, et seq.) afirma que o texto “oscilava entre um ensaio de interpretação e um panfleto de agitação política”. Seu estilo é direto, procurando com isso atingir seu público alvo, as massas trabalhadoras e a pequena burguesia urbana, “mas nem por isso deixava de ser confuso, disperso e pretensioso”.

A ausência de uma exposição clara de suas teses e a construção da argumentação por enumeração, levantando fatos e dados para dar volume ao argumento, acaba tendo o efeito oposto ao desejado e obscurece muitas de suas passagens. Por este motivo, para facilitar a exposição e a compreensão do argumento, me concentro nesta seção na elaboração de um quadro geral da interpretação desenvolvida por Brandão na obra. Para isso, adoto como ponto de partida a relação do Brasil com as potências imperialistas e suas disputas no âmbito do mercado mundial, partindo então para sua análise das lutas de classes ao longo da Primeira República. Posteriormente, comento brevemente a aplicação da dialética na elaboração de uma periodização para a história deste período.

Ao percorrer estes dois pontos, destaco não só a persistência dos elementos evolucionistas e monistas na assimilação do marxismo por Brandão, mas também a base fornecida pela interpretação nacional-popular e anti-imperialista que o autor trazia de sua formação anterior, e presente em *Agrarismo e industrialismo* (Zaidan, 1985, p.41). Estes elementos contribuem para diferenciar a interpretação de Brandão do “esquema consagrado” considerado por Caio Prado Jr. ([1966] 2014, p. 39).

Antes disto, é interessante notar que no subtítulo de seu ensaio de interpretação Brandão antecipa a expressão marxismo-leninismo, que somente seria mundialmente empregada nos final dos anos 1920<sup>7</sup>. O emprego desta expressão, neste contexto, deixa clara a influência da Revolução Russa na formação do movimento comunista brasileiro, que não se deu como resultado de uma ação coordenada junto ao Komintern, mas de

---

<sup>7</sup>Os comentadores divergem sobre a data do primeiro uso da expressão marxismo-leninismo. Enquanto Quartim de Moraes (2007, p. 41-43) afirma que coube a Deborin empregar pela primeira vez a expressão em março de 1928, e que Stalin só utilizaria em 1930, Bianchi (2012, p. 138) diverge desta tese ao demonstrar que a expressão foi utilizada por Zinoviev, em 1927, nas teses sobre a revolução chinesa, e Stalin só a empregaria em 1928. O que interessa aqui é que todas as datas são posteriores à publicação de *Agrarismo e industrialismo*, endossando a tese do uso pioneiro do termo por Brandão.

modo unilateral por parte dos comunistas brasileiros. Com exceção da mencionada visita de Ramison à Astrojildo Pereira em Niterói, em meados dos anos 1920, a internacional somente começaria dedicar atenção especial à América-latina após seu VI Congresso, sendo o PCB fundado à margem da organização no princípio de sua vida (Zaidan, 1985, p. 21).

Este referencial “marxista-leninista” seria empregado, sobretudo, em momentos nos quais o autor trata de questões situadas em um plano analítico mais abstrato. Tal arcabouço é empregado, por exemplo, para analisar o comportamento das potências imperialistas em relação à sua disputa pelo mercado mundial e seus desdobramentos internos entre as classes e frações da classe no Brasil.

Certamente bastante influenciado por Lenin, o imperialismo constitui um elemento central na reflexão do autor. Percebe-se esta proximidade quando Brandão ([1926] 2006, p. 79, et seq.) afirma que: “O imperialismo é a dominação mundial do capitalismo, a substituição da livre concorrência pelo monopólio, a formação de uma oligarquia financeira. É a exportação de capital”. Ainda de acordo com o autor: “Os imperialistas repartem o mundo em zonas de influência. O Brasil, o Chile, a Argentina tornam-se colônias do capital anglo-americano” (Idem, p. 84).

A rivalidade imperialista anglo-americana é explorada como eixo central para descrever a dinâmica da luta de classes na formação social brasileira. Tendo que se concentrar nas urgências postas pela Primeira Guerra Mundial a Inglaterra teria descuidado do “campo econômico da América do Sul. Então, os Estados Unidos, aproveitando o momento, iniciaram a conquista econômica, portanto política também, desse território” (Idem, p.93). Com o término do conflito a Inglaterra tentaria retomar a sua influência sobre o Brasil, entrando em choque com os interesses estadunidenses. O quadro geral da situação pode é descrito pelo autor:

A luta pela supremacia no mercado brasileiro lança as burguesias inglesa e norte-americana numa guerra mortal. A Inglaterra apoia o presidente Bernardes, isto é, o fazendeiro de café, o agrário retrógrado. A América do Norte, direta ou indiretamente, apoia os revoltosos, isto é, *a pequena-burguesia, atrás da qual, mais cedo ou mais tarde, agirá a grande burguesia industrial.* (Idem, p. 103; grifos meus.)

Quanto à importância deste conflito interimperialista tem influência visível na reflexão do autor os documentos da internacional, que à época destacavam a disputa entre estes dois imperialismos como elemento central para a compreensão da conjuntura

internacional (Pinheiro, 1991, p. 68). Nesse sentido, o maior problema não é a centralidade da disputa em si, mas a associação unívoca que esta interpretação estabelece entre os imperialismos em questão e as frações da burguesia brasileira, bem como a afirmação do caráter progressista da burguesia industrial e do imperialismo norte americano<sup>8</sup>.

Isto porque, que de acordo com o argumento de Brandão, para travar esta disputa tais capitais imperialistas iriam firmar suas raízes sobre as diferentes frações da burguesia brasileira. Enquanto os capitais ingleses iriam estabelecer uma aliança com os setores dominantes agraristas, ora chamados de feudais ou semif feudais, ora chamados de burguesia agrária, e os setores dominantes industrialistas, a burguesia industrial. Desta oposição se constitui a contradição, ou dualidade, básica da formação social brasileira, sendo este o princípio explicativo da dinâmica da formação social brasileira na Primeira República. É a partir desta contradição que o autor estabelece o quadro analítico para tratar dos fenômenos da conjuntura:

Encarando as nossas lutas parciais, observamos: Os choques entre a burguesia industrial norte-americana e a burguesia financeira inglesa. O choque entre o fazendeiro de café, de um lado, e, do outro lado, o grande burguês manufatureiro, o grande burguesa comercial, o usineiro, o pequeno-burguês rural, comercial e industrial, o operário, o camponês. (Brandão, [1926] 2006, p. 52)

Neste quadro, o predomínio do imperialismo inglês naturalmente levaria à hegemonia dos setores dominantes agrários, e, conseqüentemente, à implementação de uma política econômica que atendesse aos interesses destes setores. Isto faz com que Brandão (Idem, p. 34, et seq.) afirme que “economicamente, o Brasil é um país dominado pelo agrarismo e não pelo industrialismo, como a Alemanha”.

O domínio econômico dos agrários se consubstancia na execução da política dos fazendeiros de café, além do autoritarismo das classes dominantes no plano político, que não possuíam qualquer preocupação com a participação política e com o desenvolvimento de uma sociedade civil. “Dominado por esse agrarismo econômico, bem centralizado, o Brasil tinha de ser dominado pelo agrarismo político, consequência direta daquele” (Brandão, [1926] 2006, p. 36).

---

<sup>8</sup>Pinheiro (1991, p. 44, et seq.) recupera o depoimento de John Reed, delegado americano no I Congresso da III Internacional Comunista sobre a questão: “Represento aqui os trabalhadores revolucionários de umas das grandes potências imperialistas, os Estados Unidos da América, que explora e oprime os povos das colônias. Vocês, os povos do oriente, ainda experimentaram por si próprios o domínio da América. Vocês conhecem e odeiam os imperialistas ingleses, franceses e italianos, e provavelmente vocês pensam que a ‘américa livre’ governará melhor, irá libertar os povos das colônias, alimentá-los e defendê-los”.

Deste domínio o autor deduz a dinâmica das relações de classe em toda a sociedade. Para Brandão, a estrutura tributária e as sucessivas desvalorizações cambiais necessárias à política de valorização do café e à manutenção da renda dos cafeicultores atestariam este ponto de vista. Em suas palavras:

Os impostos caem implacavelmente sobre a burguesia industrial e comercial, mas não sobre eles. Vede, por exemplo, o imposto sobre a renda. A lavoura e a propriedade imobiliária estão isentas dele. (Brandão, [1926] 2006, p. 38)

Em torno do domínio econômico e político dos agrários, o marxista alagoano desenvolve uma análise para dinâmica da luta de classes no Brasil. Em primeiro lugar, a completa oposição dos interesses dos agrários em relação aos industriais coloca esta duas facções da burguesia brasileira em crescente rivalidade. Em suas palavras: “A vontade de dominação dos grandes industriais, cujos interesses muitas vezes são desprezados pelos grandes fazendeiros de café” (Idem, p. 26-27).

Já aqui, percebe-se que uma coisa que passa ao largo da interpretação de Brandão é a possibilidade de convergência dos interesses destas duas frações da burguesia. Para o autor, tal oposição é fundamental na medida em que permite desencadear uma recomposição do bloco de classes dominantes para uma configuração mais progressista: “São dois mundos que se chocam: o feudalismo e o industrialismo. O industrialismo despedaçará o feudalismo”. (Idem, p. 47).

A este conflito fundamental, no qual até então os setores dominantes agraristas teriam levado vantagem, somam-se as demais classes sociais presentes na formação social brasileira. Três atores sociais ganham destaque neste particular: a pequena-burguesia urbana, o proletariado industrial, também urbano, e os camponeses, classe subalterna ao agrarismo então dominante.

A pequena-burguesia urbana é um setor chave na análise. Influenciado por Lenin, Brandão acredita que o impacto das desvalorizações cambiais sobre o custo de vida das classes urbanas provoca um processo de proletarização da pequena burguesia. Cerceada materialmente, a pequena-burguesia urbana procuraria então construir uma alternativa política para seus problemas, o que não se realiza devido ao autoritarismo imposto pelos setores agrários em sua dominação. “A desilusão da pequena-burguesia, de obter melhorias pelos canais competentes, isto é, pela via legal, jurídica, pacífica, reformista” (Idem, p. 28).



Consequentemente, isto levaria a radicalização política da pequena-burguesia, patente em seu sentimento de revolta e na própria emergência do movimento tenentista. Exatamente por isso, Brandão aposta em uma aliança entre a pequena-burguesia e os setores industriais para alavancar um processo revolucionário que fosse capaz de provocar uma recomposição no bloco de classes dominantes em favor dos industriais. Deste modo, a revolução burguesa no Brasil teria a particularidade de ser desencadeada pelos setores radicalizados da pequena-burguesia urbana, notadamente, o movimento tenentista, visto como braço armado desta burguesia insurreta.

O proletariado urbano e o campesinato seriam setores postos à reboque deste eixo principal da luta de classes. Seu papel diante desta situação seria a formação de uma frente ampla, um bloco de classes que, hegemônico pelos interesses industrialistas, romperia com a ordem social imposta pelos setores agrários. Do ponto de vista do operariado isto seria possível graças ao seu recente despertar político e seu crescente grau de organização. Além disso, as massas operárias estariam concentradas na região litorânea, sobretudo no eixo centro-sul, o que facilitava a sua participação neste processo com um ator revolucionário relevante.

Já o campesinato representa um problema de maior monta na análise de Brandão. Isto porque, ao apontar para a feudalidade da dominação dos setores agrários, o autor destaca relação de servidão constituída por tais setores com seus subalternos. Mesmo afirmando por diversas vezes em suas autocríticas que teria subestimado o papel revolucionário do campesinato (Brandão, [1957] 2006, p. 192), acredito que seria correto afirmar o contrário, ou seja, que o autor teria superestimado este papel revolucionário, dado o quadro de dependência pessoal, dispersão geográfica e desorganização política existente no país em relação à classe trabalhadora rural.

Deste modo, fica claro o esquema empregado por Brandão em sua interpretação da realidade brasileira. Partindo do imperialismo, o autor reconstitui suas ramificações no interior da formação social brasileira, chegando a dualidade básica da economia brasileira, a oposição entre agrarismo e industrialismo, como indica o título da obra. A partir daí o autor avalia outros atores políticos, então relevantes, como a pequena-burguesia urbana radicalizada, o proletariado e o campesinato. Como ficará claro na próxima seção, é sobre este esquema teórico-interpretativo que o autor construiu sua teoria da revolução brasileira, na qual identifica exatamente a presença do elemento pequeno-burguês como particularidade do processo revolucionário.

Problema amplamente retratado na literatura sobre a obra é a rigidez das categorias empregadas para dar conta do desenvolvimento histórico brasileiro. Konder (1988, p. 183, et. seq.) afirma que Brandão “reduz a ‘dialética marxista’ à triade hegeliana: ‘tese-antítese-síntese’”. Vendo o processo histórico como um desenrolar de contradições que necessariamente se solucionam, o comunista alagoano realmente lança mão de um esquematismo em sua análise, inclusive na explicação da dinâmica da luta de classes. Isto certamente não o impede de identificar a especificidade da dinâmica histórica brasileira, de modo que “Insistir na artificialidade desta dialética é como arrombar uma porta aberta” (Moraes, 2006, p. 15).

Revelando certo deslumbramento com a descoberta de um novo método, o marxismo-leninismo apresentado pelo autor, este seria aplicado de maneira mecânica em dois pontos principais. Primeiro, de um modo geral, no próprio processo de desenvolvimento histórico-social brasileiro ao longo da Primeira República, mas também, em particular, em relação à própria história da classe trabalhadora brasileira e sua participação nesse processo.

Começando com a Primeira República, são ao todo sete ciclos evolutivos. O primeiro deles estende-se de 1889 até agosto de 1914, e é chamado de “preparação ou gestação”. A este se segue outra etapa, chamada “da conflagração à Revolução Russa”, a partir do qual a classe trabalhadora se levanta mundialmente. Em seguida há o apogeu do movimento operário anarquista ao longo do governo de Epitácio Pessoa, de 1917 até 1919, seguido pelo crepúsculo deste movimento entre 1919 e 1920, chegando vazante completa no ano de 1921. A fundação do Grupo Comunista do Rio e do PCB representam os dois últimos ciclos evolutivos, que marcam a reorganização da classe trabalhadora (Brandão, [1926] 2006, p. 113-120).

Outro ponto em que transparece a ingenuidade desta dialética é na leitura dos levantes tenentistas de 1922 e 1924. Nomeando estes levantes respectivamente como primeira, e segunda, revoltas, Brandão nota que enquanto uma revolta local esta seria a “tese”, seguida pela sua “antítese”, um levante tenentista que partindo da pequena-burguesia, galgava a proporção de um fenômeno nacional. Daí se compreende o entusiasmo de Brandão com o tenentismo e a aposta política no movimento. No entanto, para chegar à terceira revolta, que deveria reunir o proletariado com a pequena-burguesia urbana a fim de gerar uma nova síntese, resultado necessário do processo, que seria a revolução socialista:

De qualquer forma, é necessário que a *terceira revolta* não repita os erros das duas anteriores: abarque a técnica e a política, o exército e a marinha, o Rio e São Paulo, o Sul e o Norte, o proletariado e a pequena-burguesia urbana e a grande burguesia industrial. O proletariado entrará na batalha como classe independente. (Brandão [1926] 2006, p. 187; grifos meus.)

Mesmo tendo se distanciado do seu referencial monista a positivista exposto anteriormente, Brandão não o abandona completamente, e persistem os ciclos evolutivos e uma perspectiva determinista da dialética, que mais se assemelha a dialética aristotélica que a dialética de Hegel ou Marx. Nesse sentido, a maior virtude da interpretação de Brandão não é teórica, mas sim seu esforço e comprometimento com a realidade em si, que se revela nos momentos mais concretos da sua reflexão.

### **A estratégia democrática pequeno-burguesa para a revolução brasileira**

Tendo recuperado as principais ideias desenvolvidas por Brandão acerca da formação social brasileira, nesta seção pretendo me debruçar sobre a caracterização da revolução brasileira que se associa a estas ideias na formação da imagem do Brasil presente em seu pensamento. Na medida em que esta imagem articula em si o transito histórico da formação social, inevitavelmente, a análise da formação social já coloca em um quadro mais geral os contornos do problema da revolução, apontando para ele enquanto resultado tendencial.

Com efeito, o argumento disposto na seção anterior acerca de *Agrarismo e industrialismo* já indica o encaminhamento dado pelo autor ao problema, na medida em que, destaca-se a importância da radicalização de pequena burguesia como elemento disruptivo da ordem social agrária. Tal conclusão o permite – diga-se de passagem, de modo bastante criativo – caracterizar o conteúdo da revolução brasileira como democrático pequeno-burguês, antifeudal e anti-imperialista (Mazzeo, 2015, p. 124; Zaidan, 1985, p. 80).

O autor aborda novamente o problema da revolução brasileira em função do III Congresso do PCB (Zaidan, 1985, p. 76), ocorrido entre fins de 1928 e meados de 1929. Na contribuição escrita por Brandão ele aprofunda a resposta para a questão do caráter da revolução alinhavada em *Agrarismo e industrialismo*, o que ocorre em *O proletariado perante a revolução democrática pequeno-burguesa* ([1928] 1985),

originalmente publicado no número 8 da revista *Autocrítica*, órgão criado por ocasião do III Congresso da agremiação para servir-lhe de espaço de discussão.

Neste texto, além de detalhar a caracterização do conteúdo e das tarefas da revolução, o autor reafirma a concepção de uma revolução permanente, que encadearia a fase pequeno-burguesa do processo revolucionário à seu desfecho socialista, sob hegemonia do proletariado. Ainda em *Agrarismo e industrialismo* autor afirma:

Lutemos por impelir a fundo a revolta pequeno-burguesa, fazendo pressão sobre ela, *transformando-a em revolução permanente* no sentido marxista-leninista, prolongando-a o mais possível, a fim de agitar as camadas mais profundas das multidões proletárias e levar os revoltosos às concessões mais amplas, criando um abismo entre eles e o passado feudal. Empurremos a revolução da burguesia industrial – o 1789 brasileiro, o nosso 12 de março de 1917 – aos seus últimos limites, a fim de, transposta a etapa da revolução burguesa, abrir-se a porta da revolução proletária comunista. (Brandão, 2006, p. 133; grifos meus).

Ou seja, mais que uma etapa a ser cumprida, como é o caso do “esquema consagrado”, a etapa democrática pequeno-burguesa da revolução deve ser radicalizada, levada ao seu limite, procurando assim abreviar as dores do parto da sociedade comunista. A Revolução Russa serve como modelo de processo revolucionário para estabelecer o mencionado encadeamento entre as respectivas etapas do processo revolucionário.

Outro aspecto importante neste particular, destacado por Bianchi (2012, p. 140), é a coincidência da revolução operária e da revolução agrária. Isto fica claro em uma passagem da obra destacada pelo comentador:

Na Rússia, a revolução operária, das cidades, coincidiu com a revolução camponesa. No Brasil, a revolução dos operários industriais contra o regime burguês industrial, regime do salariado, irá coincidir com a revolução agrária, dos trabalhadores rurais contra o regime agrário, regime feudal, regime de servidão. Fundir os dois movimentos num só – transformar o nosso 1789 numa *revolução permanente*, da qual brotará o nosso 7 de novembro de 1917 – tal deve ser uma das obras fundamentais dos comunistas no Brasil. (Brandão, 2006, p.149-150; grifos meus).

Nesse sentido, há no “argumento do autor de *Agrarismo e industrialismo* a revolução da pequena-burguesia parece ser apenas um momento necessário para retirar os entraves ao livre desenvolvimento dos conflitos sociais e políticos” (Bianchi, 2012, p. 141) a antessala imediata da revolução proletária. É importante lembrar que este aspecto, assim como o esquema geral da discussão sobre a formação social, não fica

suficientemente claro ao longo do argumento este aspecto da teoria da revolução do autor (Ibidem).

Em *O proletariado perante a revolução democrática pequeno-burguesa* nosso intérprete se detém exclusivamente sobre o ponto da revolução brasileira, separando inicialmente dois complexos de problemas que se complementam:

Começemos por separar dois problemas diferentes que, todavia, *não se repelem, se completam*, num encadeamento em ziguezague: 1.º) O Problema da revolução democrática pequeno-burguesa desencadeando-se em um país semicolonial na atual fase do capitalismo imperialista; 2.º) o problema da revolução proletária nesse mesmo país. (Brandão, [1928] 1985, p. 121).

O autor começa então a avaliar as perspectivas de uma revolução proletária vitoriosa no Brasil. Segundo ele, esta poderia vir do sucesso de revolução proletária internacional, ou de uma, pouco provável, mas possível, guerra entre Brasil e Argentina. No entanto, o caminho mais provável tomado pela revolução proletária era a via pequeno-burguesa, que surgiria de uma terceira revolta tenentista, no quadro da situação concreta do caso brasileiro:

Mas, *dada a perspectiva atual*, a revolução proletária parece-nos ser a consequência natural de uma democrática pequeno-burguesa, nascida de uma terceira revolta, agravada por uma crise cafeeira (se houver a coexistência da crise e da revolta) e radicalizada pelo combate ao imperialismo e, principalmente, pela ação das massas urbanas e rurais, armadas. Nossa tese baseia-se na perspectiva atual. Por conseguinte, se a perspectiva modificar-se, nossa tese terá de modificar-se igualmente, acompanhando a realidade. (Brandão [1928] 1985, p. 122)

Para Brandão o ponto não é a terceira revolta em si, ou a revolução democrática pequeno-burguesa, mas antes, a atitude do proletariado diante deste processo. Para o intelectual e dirigente o proletariado deveria se preparar desde já para a terceira revolta, conseguindo assim atuar de maneira politicamente independente ao longo do processo, sem ir à reboque do movimento da pequena-burguesia e da burguesia, que, nesta etapa do processo, compõem o bloco de classes. Nas palavras do autor:

Por conseguinte, o problema atual é o da atitude do proletariado e do seu partido diante da revolução democrática pequeno-burguesa, *prelúdio fugaz da revolução proletária*, se o proletariado e o seu partido se prepararem de fato, orgânica e ideologicamente, com a devida antecedência, isto é, desde já. (Brandão, [1928] 1985, p. 122-123)

Mas, para que o proletariado desfrutasse de potencial de ação autônoma, era preciso elaborar uma política de alianças táticas consequente com este objetivo estratégico. Certamente ressoam sobre esta formulação do autor as ideias de Lenin e o processo revolucionário russo, no qual o elemento da política de alianças foi de suma importância. De acordo com o autor:

[...] nenhuma dúvida é possível: segundo as próprias palavras de Lênine num de seus livros fundamentais de tática, o proletariado industrial e o seu partido têm de procurar aliados não somente no período posterior a revolução proletária, como igualmente no período anterior (é o nosso caso). Não importa que seja aliado hesitantes, pouco seguros. Temos de procurá-los: eis um de nossos problemas fundamentais.(Brandão, [1928] 1985, p. 124)

Em seguida, o autor lista uma série de setores com os quais seria possível a elaboração de alianças – seguindo a análise da formação social e das forças de classe previamente realizada – com o intuito de vencer o domínio agrarista e tomar o Estado agrário formado no Brasil sob sua hegemonia. A formação de uma frente única com todas as forças que lutam contra o Estado agrário vem acompanhada de uma série de diretrizes táticas que prezam pela ação paralela do proletariado na elaboração de formas independentes de organização e atuação, forçando a radicalização da pequena-burguesia ao longo do processo. Esta radicalização seria favorecida pelo processo de proletarização da pequena-burguesia, fazendo com que, ao transcender seus limites pequeno-burgueses, esta adquira outro conteúdo. (Brandão, [1928] 1985, p. 130).

Deste modo, torna-se possível encadear os dois processos revolucionários em questão, em uma perspectiva de revolução permanente que capta a especificidade de revolução brasileira:

[...] o melhor modo de trabalharmos pela revolução proletária é procurarmos os meios de *transformar a revolução democrática pequeno-burguesa em revolução proletária*. [...] Um dos nossos trabalhos fundamentais deve consistir em *lutar para que a revolução democrática pequeno-burguesa seja colocada num plano inclinado que a faça rolar no sentido da profundidade da revolução operária*. (Brandão, [1928] 1985, p. 131; grifos meus).

Apesar de apresentar um fundamento nacional que permitir identificar as especificidades do caso brasileiro, a imagem do Brasil formulada por Brandão seria rechaçada pela III Internacional após a derrota do levante de Xangai e VI Congresso da organização, que marca uma mudança da estratégia de frente única para um paradigma de “classe contra classe”. Através da intervenção do SSA da IC no Brasil, Brandão,

Astrojildo Pereira e Paulo de Lacerda, que então eram o grupo dirigente do PCB, foram afastados acusados de “menchevismo” e de “desvios pequeno-burgueses” após o III Congresso do PCB em 1928/1929.

Após seu afastamento Brandão seria uma figura proscrita do PCB e apagada da história e da memória do partido. Suas formulações sobre a particularidade de realidade nacional seriam postas de lado, rompendo-se temporariamente o vínculo dos comunistas com a especificidade brasileira (Zaidan, 1985, p. 51). Exilado na União Soviética em 1930, Brandão permaneceria isolado no interior do PCB ao longo do resto de sua vida, que viveu como um exilado dentro do seu próprio país. Comisso, o autor se afasta definitivamente do PCB em 1957, vindo a falecer em 1980. Mesmo tendo permanecido esquecido em seu tempo de vida, os anos de 1980 marcariam a retomada do estudo de sua obra e o início de sua reabilitação intelectual.

### **Considerações Finais**

Neste artigo procurei destacar a imagem do Brasil presente na obra de Brandão e sua contribuição para a percepção das especificidades do desenvolvimento histórico-concreto brasileiro por parte do autor. Através desta interpretação da realidade brasileira, construída em sua juventude, e amadurecida em sua fase pré-marxista, o autor conseguiu não só se apropriar do marxismo-leninismo então em voga, mas também construir uma interpretação marxista da realidade brasileira que atentasse para seus traços idiossincráticos.

Brandão identificou a dualidade agrarismo e industrialismo como contradição básica da formação social brasileira, vertebrando a luta de classes em seu âmbito. Servindo de base para a discussão sobre o caráter da revolução brasileira, esta dualidade aponta para o conteúdo democrático pequeno-burguês desta revolução, que se articula com a revolução proletária em uma perspectiva de revolução permanente.

Deste modo, pretendo ter demonstrado a diferença existente entre Brandão e o “esquema consagrado”, que apesar de ter aderência no período que sucede os anos 1930, não é uma chave de leitura válida para o intelectual orgânico do primeiro ciclo político do PCB. Ao contrário do que indica o “esquema consagrado”, ao invés de resultado de uma intervenção de Moscou no PCB, a riqueza da interpretação de Brandão consiste exatamente na negligência da Internacional para com a organização em seus



primeiros anos, permitindo ao autor se dedicar ao estudo da especificidade nacional. Contribui-se assim para o resgate necessário da obra de Octavio Brandão e, mesmo tendo em vista seus evidentes limites analíticos, para sua reabilitação intelectual.

### **Referências Bibliográficas**

AZEVEDO, D. N. Octávio Brandão e o Encontro com o Pensamento Marxista. In: *XXVIII Simpósio Nacional de História* (anais), 2015.

BIANCHI, A. Octavio Brandão e o Confisco da Memória: nota à margem da história do comunismo brasileiro. *Crítica Marxista*, São Paulo, Editora UNESP, nº 34, 2012, pp. 133-149.

BRANDÃO, O. *Agrarismo e industrialismo: ensaio marxista leninista sobre a revolta de São Paulo e a guerra de classes no Brasil – 1924*. 2ª edição. São Paulo: Anita Garibaldi, 2006.

BRANDÃO, O. *Canais e Lagoas*. Vol. 1. Rio de Janeiro, Jacintho Ribeiro dos Santos, 1919.

BRANDÃO, O. *Combates e Batalhas*. Memórias. 1º volume. São Paulo, Alfa-Ômega, 1978.

BRANDÃO, O. *O Proletariado Perante a Revolução Democrática Pequeno-burguesa*. In: ZAIDAN, M. *PCB (1922-1929): na busca das origens de um marxismo nacional*. São Paulo: Global, [1928] 1985.

BRANDÃO, O. *Russia Proletaria*. Rio de Janeiro, Voz Cosmopolita, 1923.

BRANDÃO, O. *Uma Etapa da História de Lutas*. In: Brandão, O. *Agrarismo e industrialismo: ensaio marxista leninista sobre a revolta de São Paulo e a guerra de classes no Brasil – 1924*. 2ª edição. São Paulo: Anita Garibaldi, [1957] 2006.

COUTINHO, C. N. *A imagem do Brasil na obra de Caio Prado Jr.* In: *Cultura e sociedade no Brasil: ensaios sobre ideias e formas*. 3ª edição. São Paulo: Expressão Popular, 4ª edição, 2011a.

COUTINHO, C. N. *Marxismo e imagem do Brasil em Florestan Fernandes*. In: *Cultura e sociedade no Brasil: ensaios sobre ideias e formas*. 3ª edição. São Paulo: Expressão Popular, 4ª edição, 2011b.

COUTINHO, C. N. N. *Graciliano Ramos* In: *Cultura e sociedade no Brasil: ensaios sobre ideias e formas*. 3ª edição. São Paulo: Expressão Popular, 2011c.

CUNHA, E. *Os sertões*. São Paulo: Nova Cultural, [1902] 2002.

DEL ROIO, M. Octávio Brandão nas origens do marxismo no Brasil. *Crítica Marxista*, São Paulo, Ed. Revan, v.1, n.18, 2004, p.115-132.

DULLES, J. F. *Anarquistas e Comunistas no Brasil*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira 1977.

KONDER, L. *A Derrota da Dialética: A recepção das idéias de Marx no Brasil, até o início dos anos trinta*. Rio de Janeiro, Campus, 2009.

- LACERDA, F. C. A Transição de Octávio Brandão ao Marxismo: os livros Canais e Lagoas e Rússia Proletária. In: *XXVIII Simpósio Nacional de História (anais)*, 2015.
- LENIN, V. *Imperialismo, Fase Superior do Capitalismo*. 2ª edição. São Paulo: Expressão Popular, [1916] 2010.
- LENIN, V. *O Estado e a Revolução*. 2ª edição. São Paulo: Expressão Popular, [1917] 2010.
- LOBO, A. *A Situação Brasileira e o Trabalho para o seu Esclarecimento*. ABRAMO, F. KAREPOVS, D. (Orgs.) Na Contracorrente da História. Documentos do trotskismo brasileiro (1930-1940). São Paulo: Sundermann, [1931] 2015.
- LUKÁCS, G. *O processo de redemocratização*. In: LUKÁCS, G. Socialismo e democratização: escritos políticos 1856-71. Rio de Janeiro: UFRJ, 2011.
- MAZZEO, A. C. *Estado e Burguesia no Brasil: origens da autocracia burguesa*. 3ª edição. São Paulo: Boitempo, 2015.
- MOARES, J. Q. *A influência do leninismo de Stalin no comunismo brasileiro*. In: MORAES, J. Q.; REIS, D. A. História do marxismo no Brasil. 2.ed. v.1. Campinas: Ed. Unicamp, 2007.
- MORAES, J. Q.; REIS, D. *Octávio Brandão*. In: PERICÁS, L. B. & SECCO, L (org.). Intérpretes do Brasil: clássicos, rebeldes e renegados. São Paulo: Boitempo, 2014.
- MORAES, J. Q.; REIS, D. *Um Livro Fundador*. In: BRANDÃO, O. *Agrarismo e industrialismo: ensaio marxista leninista sobre a revolta de São Paulo e a guerra de classes no Brasil – 1924*. 2ª edição. São Paulo: Anita Garibaldi, 2006.
- MORAES, J. Q.; REIS, D. *No laboratório da história*. In: PEREIRA, A *Formação do PCB 1922-1926*. 3ª edição. São Paulo: Anitta Garibaldi, 2012.
- PEREIRA, A *Formação do PCB 1922-1926*. 3ª edição. São Paulo: Anitta Garibaldi, [1962] 2012.
- PINHEIRO, P. S. *Estratégias da Ilusão: A revolução mundial e o Brasil 1922-1935*. São Paulo: Cia das Letras, 1991.
- PRADO JR., C. *A Revolução Brasileira*. São Paulo: Cia das Letras, [1966] 2014.
- RAMOS, G. *São Bernardo*. 95ª edição. Rio de Janeiro: Record, [1934] 2013.
- RICUPERO, B. *A Aventura brasileira do marxista Caio Prado Jr*. In: Pinheiro, M. (org.), Caio Prado Júnior: história e sociedade. Salvador, Quarteto, 2011, p. 73-108.
- RICUPERO, B. *Sete Lições Sobre Interpretações do Brasil*. São Paulo: Alameda, 2011.
- SILVA, A. J. *Agrarismo e industrialismo: uma primeira tentativa marxista de interpretação do Brasil*. Revista de Sociologia e Política: Curitiba, nº 8, 1997, p. 43-55.
- SILVA, A. J. *Tempo de Fundadores*. In: MORAIS, J. Q. & DEL ROIO, M. (org.). História do Marxismo no Brasil. Campinas: Unicamp, 2000. v 4 – Visões do Brasil, 2014.
- ZAIDAN, M. *PCB (1922-1929): na busca das origens de um marxismo nacional*. São Paulo: Global, 1985.